



Research Paper

Inclusão E Afetividade Como Princípios Norteadores Da Aprendizagem: Um Estudo Conceitual

Edí Marise Barni¹
Diego da Silva²

RESUMO

Este artigo pretende estudar, a relação estabelecida entre a afetividade e a aprendizagem no desenvolvimento humano e elucidar a influência do relacionamento afetivo entre o professor e aluno, como desencadeador do fracasso escolar. Trata-se da formação de competências na educação Infantil e ensino fundamental. Registra a preocupação com o fracasso escolar e aponta a necessidade de mudanças na prática pedagógica. Traz também, aspectos psicossociais que envolvem a relação ensino-aprendizagem. Tem como enfoque multidisciplinar, visto que, lança a discussão e a reflexão a partir de alguns conceitos psicológicos de Piaget e Vygotski, de alguns conceitos pedagógicos e dos novos modelos implementados a partir da Lei de Diretrizes de Bases da Educação (LDB). A trajetória metodológica teve inicialmente caráter exploratório, combinando os enfoques quantitativos e qualitativos. Na tentativa de ampliar o entendimento das questões, este trabalho reporta-se às principais idéias de Piaget, cujas reflexões trazem experiências e convicções que contribuem para a visão posterior sobre o desenvolvimento mental, considerando aqui basicamente, como um processo de adaptação ao meio e uma extensão do desenvolvimento biológico.

Palavras-chave: autoestima, inclusão, competências, especial, formação.

Received 01 July, 2022; Revised 08 July, 2022; Accepted 10 July, 2022 © The author(s) 2022.

Published with open access at www.questjournals.org

I. INTRODUÇÃO

O comportamento da criança tem origens no contexto em que vive. As dificuldades de aprendizagem estão presentes nas escolas em todo o mundo. Atualmente as dificuldades de aprendizagem alcançam níveis assustadores e precisam ser combatidos. A questão do fracasso escolar é enquadrada em dois parâmetros: endógeno, ou seja, fatores internos da escola e o exógeno, fatores externos dentre eles a família. A maior parte destas variáveis, contudo, está fora do controle dos educadores. Finalmente, a intervenção psicopedagógica deve ocupar-se dos processos de ensino e aprendizagem nos quais se apresentam as dificuldades de aprendizagem (DEMO, 2000).

As relações afetivas nas salas de aula dependem muito das atitudes do professor, se o mesmo se mantém indiferente ou expressa raiva em relação aos alunos, a tendência é que estas atitudes causem reações recíprocas nos conhecimentos. Todavia, se o professor agir de forma que expresse o seu interesse pelo “crescimento” dos alunos, respeitando suas individualidades, criará um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem.

As relações afetivas estabelecidas não podem ser ignoradas, pois estão presentes no desenvolvimento, fazem parte do ser humano e podem interferir de forma negativa ou positiva nos processos cognitivos. A escola muitas vezes ignora esta questão, preocupando-se apenas com os conteúdos e técnicas. A escola deve trabalhar no sentido de organização dos sistemas afetivos e cognitivos.

As relações conflituosas, enfrentadas no dia-a-dia do processo educacional, acabam interferindo na atividade intelectual, ocasionando o baixo rendimento escolar. Responsável pela transmissão do conteúdo sistematizado, principalmente às classes populares, então devemos considerar que uma boa escola é onde o aluno aprende. Mas, a degradação histórica que a escola vem sofrendo faz com que sejam inúmeros os aspectos

1 Pedagoga e psicóloga. Mestre em Educação pela PUCPR. Docente da Unensino, Uniandrade e Unicesumar.

2 Psicólogo, docente da Uniensino.

que merecem ser transformados para que ela alcance patamares mínimos de qualidade. Por tanto, lançar um olhar para a escola e para a qualidade do trabalho que nela vem sendo desenvolvido é um desafio que se faz urgente.

Desvalorizada na sua essência, a escola pública sofre com salas de aula superlotadas, espaço físico insuficiente e até, muitas vezes, inadequados à demanda, pouco material didático, má formação dos professores, entre outros problemas que acabam afetando diretamente a qualidade do ensino. E, além de conviver com tais problemas, que acabam fazendo parte da sua rotina diária, a escola vê-se em meio ao desafio da inclusão. Crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais passam a compor o seu quadro de alunos. O relacionamento afetivo pressupõe interação, respeito pelas idéias, pelas opiniões do outro, dedicação, troca e vontade por parte dos envolvidos. Conhecendo seus alunos, escolhendo a melhor forma de trabalhar com eles, o educador propiciará excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar do educando, elevando também a autoestima destes, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva.

A INCLUSÃO E O AFETO PARA A APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem aparecem com um dos temas que mais inquietam os estudiosos e pedagogos. A falha estaria no aluno ou no sistema escolar? No final do Século XIX alguns psicólogos e pedagogos procuraram situar às origens do fracasso escolar da criança na questão mental. Médicos e psicólogos atribuíram o fracasso escolar a fraqueza, debilidade das capacidades intelectuais ou morais da criança em questão. (COSTA, 1993 P. 25).

Para (MASLOW, 1970), necessidades de ordem superior, como as necessidades de realização, necessidade de conhecimento e necessidades de estéticas, também são primárias ou básicas, mas apenas se manifestam depois que as necessidades de ordem inferior forem satisfeitas. A necessidade de estima leva-nos a procurar a valorização e o reconhecimento por parte dos outros. Quando essa necessidade é satisfeita, sentimos confiança em nossas realizações, sentimos que temos valor para os outros, sentimos que podemos participar na comunidade e sermos úteis. Em caso contrário, sentimo-nos inferiorizados, fracos e desamparados. O sucesso ou fracasso do aluno, na escola, depende em parte de sua autoestima, da confiança que tem em si mesmo.

O novo conceito de ensino de qualidade aponta para mudanças de paradigmas educacionais levando em conta as necessidades do novo milênio. Este novo paradigma implica numa mudança de identidade do professor (MANTOAN (2003).

Ao focalizar o processo ensino-aprendizagem é importante entender alguns aspectos do comportamento humano. Quando uma determinada atitude é considerada inadequada à tendência é eliminá-la. O elogio do pai, da mãe ou de qualquer outro membro da família é muito importante para que a criança, já que entram aí aspectos afetivos importantíssimos no desenvolvimento infantil (VIGOTSKY, 1989).

O aparecimento da função simbólica vai alterando profundamente a forma de agir chegando à outra etapa (ROCHA 2001). Ao falar sobre a criança e sua educação nos dias atuais suscita uma indagação muito pertinente: “qual o nosso papel na educação da criança?” Dirigir o seu crescimento ou deixar agir na natureza. Na concepção de muitos a criança nada sabe precisa aprender a de ajustar no mundo moderno.

A respeito das dificuldades de aprendizagem (GOMES e SENA, 2000) preconizam que as famílias desestruturadas contribuem para o transtorno afetivo da personalidade, o que vem configurar uma centralização da culpa pelo fracasso na família das crianças, particularmente no papel da mãe e a conseqüente falta de assistência no acompanhamento escolar. Segundo a autora, aliadas a este fator estão as dificuldades econômicas, o nível sociocultural baixo e os problemas cognitivos ou intelectuais partindo da teoria instrumental ou cognitivista.

Segundo (PERRENOUD, 2001) há muito tempo os professores do ensino fundamental de diversas escolas, lutam contra o fracasso escolar, comprometidos com o trabalho de equipe. Por outro lado, existem outros professores que vêem o fracasso como fatalidade, ou seja, de forma apática se entregam ao desânimo e parecem, portanto, conformar-se com a situação.

Porém, o mesmo (PERRENOUD, 2000) já preconizava que os ciclos pedagógicos são uma oportunidade não só para combater o fracasso escolar, mas também para acelerar a profissionalização do ofício de professor e as mudanças da escola.

A teoria de (PIAGET, 1965) é ao mesmo tempo compreensiva e útil a todos. Ela oferece uma forma alternativa de se compreender o comportamento e o desenvolvimento humano, para aqueles interessados em educação e psicologia.

Nas sociedades primitivas não existia a instituição escolar como hoje. “Para melhor submetê-la aos rigores da hierarquia e da aprendizagem da obediência, intensifica-se o uso dos castigos corporais”. (ARANHA p.73). Entendia-se a escola como uma contribuição dos princípios eclesiais, portanto a família não podia insurgir contra, mas sim apoiar esta postura de defensora dos princípios divinos.

No Século XIX vem à democratização, universalização e secularização do ensino, principalmente o ensino básico. Há uma confiança na escola como detentora do saber sistematizado. A escola hoje se tornou, por

necessidade, parceira da família assumindo funções que extrapolam os limites pedagógicos. (DORNELES, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias para ação pedagógica no cotidiano escolar inclusivo são necessárias para que a escola responda não somente aos alunos que nela buscam saberes, mas aos desafios que são atribuídos no cumprimento da função formativa e de inclusão, tudo num processo democrático, reconhecendo e valorizando a diversidade, como um elemento enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem. Portanto, incluir e garantir uma educação de qualidade para todos os alunos é uma questão de justiça e equidade social.

O que se percebe de um modo geral na escola é que a competência do professor torna-se fator de grandes discussões entre os profissionais em educação e da sociedade de modo geral. As reformas educacionais descritas na Nova LDB – 9.394/96 preestabelece as mudanças em relação às práticas pedagógicas, as quais são imprescindíveis para que a educação brasileira apresente resultados concretos em se tratando de aprendizagem.

É importante que o professor perceba que para desenvolver a autoestima do aluno em relação à prática de leitura escrita, ou mesmo em qualquer outra atividade, é necessário que haja mudança significativa em sua prática pedagógica. As reformas em educação solicitam professores que pesquisem sobre o real sentido da educação para que, de posse desses conhecimentos possa proporcionar ao aluno condições de desenvolver suas competências e construir seu conhecimento escolar.

A partir deste trabalho, podemos concluir que sendo o conhecimento um processo humano, histórico, incessante, de busca de compreensão, de organização, de transformação do mundo vivido e sempre provisório, tem origem na prática do homem e nos processos de transformação da natureza. É, também, uma ação humana atrelada ao desejo de saber. Só o homem, por ser pensante, pode ser sujeito: somente ele pode desejar a mudança, porque só a ele lhe falta à plenitude.

REFERÊNCIAS

- [1]. **ARANHA**, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia de educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna 1996.
- [2]. **ASSMANN**, Hugo; **SUNG**, Jung. **Competência e sensibilidade solidária**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- [3]. **CINIELLO**, Evelise de J.K. **TAHA**, O **DESAFIO DA INCLUSÃO**, FIEP Bulletin vl II, 2014Edition - Article II ISSN-0256-6419.
- [4]. **COLL**, César; **PALACIOS**, Jesús; **MARCHESE**, Alvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 1ª ed. V.2. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- [5]. **DEMO**, Pedro, ABC, **Iniciação a competência reconstrutiva do professor básico**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2000.
- [6]. **GARBER**, Claire; **THEODORE**, Francis. **Família mosaico**. São Paulo: Augustus 2000.
- [7]. **LEGAL**, Jose Eduardo **Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem**, Centro Universitário Leonardo Da Vinci, Indaial: GRUPO UNIASSELVI, 2011.
- [8]. **MANTOAN**, Maria Teresa E. **Inclusão escolar: o que é? Como fazer**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).
- [9]. **MASLOW**, Abraham. **Motivação da Personalidade**. New York: Harpes & Row, 1970.
- [10]. **MELLO**, Guiomar Namó de. **Cidadania e competitividade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- [11]. **MITTLER**, Peter. **Educação Inclusiva: Contexto sociais**. Tradução de Windyz Brazao Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- [12]. **OLIVEIRA**, Zilma de; **DAVIS**, Claudia. **Psicologia na educação**. 2ª ed. Cortez, 1992.
- [13]. **PERRENOUD**, Phillippe. **Construir as competências desde a escola**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- [14]. **PAVLOV** Ivan. **O COMPORTAMENTALISMO**, Instituto de Física de São Carlos – USP, Psicologia da Educação, 1990.
- [15]. **PIAGET**, J. (1937) **La Construction du reed chez l'enfant**. Neuchatel: Delachaux t Niestlé. [ed. Cast. (1965), Buenos Aires: Proteo]
- [16]. **PUIGGRÓS** S.A. **Para que serve a escola?** Rev. Pátio. Porto Alegre, nº 3, nov./jan. 1997/1998.
- [17]. **RATNER**, Carl. **A psicologia sócio-histórica de Vigotsky**. Aplicações contemporâneas. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- [18]. **REVISTA PÁTIO**. **Para que se serve a escola?** Ano 1. n. 3. Nov.1997-Jan. 1998.
- [19]. **ROCHA**, Eloisa. **Fracasso Escolar**. O que é? Quem fracassa? Ano 3, n. 11. Nov. 1999-Jan. 2000.
- [20]. **ROCHA**, ELOISA. **Educação – Agenda para o século XXI**. Ano 4. n. 16, Fev-Abr. 2001.
- [21]. **ROPÉ**, Françoise, **TANGUY**, Lucie. **Sabores e competências**. 1ª ed. Campinas: Papirus, 1997.
- [22]. **SAVIANI**, Demerval. **As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina**. São Paulo, Caderno de Pesquisa, n. 42, p. 8-18, ago. 1982.
- [23]. **VIGOTSKY**, L. S. **A formação social da mente**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.